

O futuro nos interpela

Projeto de grupo de pesquisa no IEA

Renato Janine Ribeiro

Este projeto é pensado de forma Windows. Isto quer dizer que praticamente qualquer ponto dele é uma janela, que pode se expandir, inclusive abrindo novas janelas – ou seja, novos temas, novos enfoques, novas indagações. Tal formato nos parece particularmente apto aos temas propostos.

A linguagem que trata do novo tem de ser nova.

A presente proposta consiste em três partes principais:

1. Um resumo executivo, tão curto quanto possível;
2. Um texto, o mais longo, que é a exposição conceitual do problema;
3. Uma relação, abreviada, dos pontos principais a serem focados.

A estas partes se seguem:

4. Modo de funcionamento;
5. Previsão de atividades, com indicação dos seus custos possíveis;
6. Currículo resumido dos membros.

COORDENADOR

Renato Janine Ribeiro, professor titular de Ética e Filosofia na USP

MEMBROS

Alexey Dodsworth Magnavita, mestre em Filosofia

Ari Tank Brito, professor da UFMT, doutor em Filosofia

Helena Singer, doutora em Sociologia

Márcia Hoffmann Turri, mestra e doutoranda em Filosofia

PESQUISADORES CONVIDADOS

Massimo Canevacci, Olgaria Matos. *Ambos participarão de todas as atividades que desejarem.*

Funcionamento do grupo: Começando com poucos membros, ele gradualmente se aumentará, à medida que outros pesquisadores sejam convidados a discutir com ele. Conforme o debate, o convidado poderá dar sua contribuição ou, se for o caso, integrar-se no grupo, se compartilhar suas preocupações e interesses.

1. Resumo executivo

Até o advento das máquinas, a humanidade viveu uma condição em que a matéria não tinha como atender aos sonhos e aspirações das pessoas. Havia um déficit da matéria em relação ao desejo ou ao espírito. Foram milênios de carência. Não por acaso, é depois que surgem as máquinas que também aparecem reivindicações mais exigentes, como as formuladas pelo marxismo, entre muitas outras. O mundo se apresta assim para resolver os problemas da necessidade. Hoje, há plenos meios técnicos de satisfazer por completo as carências. O que se vislumbra é, *para além da carência*, o mais que pode ser implementado. Ao contrário dos milênios anteriores, **hoje o que faltam são sonhos**. Daí que qualquer consideração sobre a tecnologia deva explorar potencialidades destas novas linguagens e inventar ou fazer advirem sonhos talvez nem, ainda, sonhados.

Mas continuamos mantendo um perfil de consumo de quem não estava seguro se teria o que comer e, por isso, se empanturra. Na verdade, com isso nos lambuzamos e engordamos. Precisamos descobrir novos meios de satisfação. É chegada, possivelmente, a hora de uma nova proposta, desta vez com chances inéditas de sucesso, de felicidade. A felicidade, como poucos sabem, é diferente do prazer. Este alterna desprazer e prazer, carência e euforia. Foi criticado, ao longo de mais de dois milênios, pelos filósofos. Ele faz nossas paixões positivas dependerem de estímulos externos, como a comida, a bebida, o sexo. Já a felicidade é um estado simples e permanente: ela extrai o máximo do mínimo. (Vê-se que questões como dieta de emagrecer ou de saúde, consumismo e consumo responsável têm todas muito a ver com esta discussão filosófica que, assim, se torna mais atual do que nunca).

Também mantemos, na produção de bens e na conseqüente remuneração das pessoas, um perfil que não é mais necessário. As jornadas de trabalho são excessivas. É possível produzir tudo o que de necessitamos com um tempo de trabalho já curto, e cada vez ele será mais curto. No entanto, continuamos presos às 40 ou mais horas de trabalho por semana, há mais de meio século. Acredito que a discussão pertinente aqui não seja tanto a técnica ou mesmo econômica, mas a filosófica. Do ponto de vista econômico, é possível reduzir cada vez mais o trabalho. Filosoficamente, o que isso implica? Pela primeira vez na história humana, o ócio terá mais tempo do que o trabalho socialmente produtivo. Estamos preparados para isso? Mais uma vez, como no começo, as condições materiais de possibilidade estão além dos sonhos, ou melhor, das significações que atribuiremos a um tempo livre cada vez maior, que nossa sociedade tampona com maciças injeções de entretenimento imbecil.

Provavelmente isso se dá porque esta mudança material permite uma relação inteiramente nova com a identidade. Esta não precisa mais ser fixa. Pode ser mutável. Laços sociais podem se desfazer, como no caso do matrimônio, sem um grande impacto negativo sobre a sociedade. Seu custo é inegavelmente alto e não se trata de celebrar a liquidez dos relacionamentos. Mas queremos explorar pelo menos duas questões: primeira, a libertação generalizada ante os grilhões, que aparece por exemplo no direito de romper um laço que se tornou insuportável, o qual pode estar num relacionamento amoroso, afetivo, de emprego, e no direito de mudar sua identidade, alterando suas opiniões, conforme a vida ou o debate mostrem que se pode melhorar, a profissão, a

orientação sexual, a nacionalidade. Nada disso implica que a identidade anterior fosse errada, e por isso mesmo ideias como culpa e erro podem ser fortemente relativizadas. Segundo, e com base neste mundo que caminha talvez “vers la liberté en amour” (Fourier), criar novos laços sociais que, sendo mais livres, nem por isso precisam ser frouxos.

O funcionamento do grupo será em círculos concêntricos. Haverá um núcleo duro, composto do líder e dos nomes inicialmente expostos, que se reunirá a cada 45/60 dias, pelo menos, para discutir os assuntos aqui colocados, desenvolvendo-os em termos teóricos, mas talvez também debatendo suas implicações práticas. Pesquisadores importantes, nacionais ou estrangeiros, serão convidados a falar na maior parte destas reuniões, para uma troca em que eles exporão seu trabalho ou seu modo de ver as coisas, e o grupo procurará ver, num quadro mais amplo, como a abordagem de um tema específico se insere para este novo mundo em que estamos entrando. À medida que os trabalhos se desenvolvam, aceitar-se-á a presença de “membros correspondentes”, que podem ser pesquisadores respeitados que dialoguem com estas perspectivas mas sem se integrarem ao trabalho constante do grupo. Também crescerá o grupo, com aqueles que compartilharem seus interesses e dispuserem de tempo para tanto.

Em tempo, a questão da utopia. Desde Morus, ela propõe resolver todos os problemas de uma sociedade, injusta e infeliz, com uma intervenção num ponto único, que seria causa da injustiça e da infelicidade (Morus: propriedade privada; Rousseau: amor próprio; Marx: propriedade privada; Wilhelm Reich: moral sexual repressiva). Isto desenha em muitos casos uma sociedade que tende ao totalitarismo, como é o caso de Morus e Marx. A utopia encarna o sonho da modernidade, com a razão expulsando o sofrimento. Mas em tempos atuais surgiu como azarão a possibilidade de novas utopias, que estão num mundo de lazer crescente e desejavelmente criativo. Como estas utopias não residem numa afirmação da identidade, mas na sua fluidificação, elas até parecem mais pós-modernas. Explorá-las é nossa intenção.

2. A exposição menos incompleta¹ do tema:

Os sonhos se tornaram modestos – devemos devolver-lhes a utopia

O objetivo deste projeto é explorar ao máximo as condições que tem, nosso mundo atual, de realizar potencialidades nunca antes desenvolvidas na história das sociedades humanas, assim melhorando em escala inédita a vida tanto pessoal quanto social.

Estamos hoje numa situação sem antecedentes na experiência humana. No passado, os sonhos iam além do que a realidade permitia. Os princípios de prazer e mesmo de felicidade fracassavam no plano do real, porque este era deficitário em comparação com a imaginação. As condições materiais ficavam aquém do que se podia imaginar. Cyrano de Bergerac imaginava ir à lua, mas ninguém conceberia tal viagem como realmente possível. Hoje, porém, os avanços na energia, no conhecimento e nas tecnologias permitem desdobramentos difíceis até mesmo de imaginar. As conquistas do conhecimento abrem lugar para o que antes nem se sonhava – e continuamos sem conseguir sonhar com o que fazer com elas. Um conservadorismo da imaginação social assim faz um uso bastante limitado de ferramentas que poderiam levar-nos mais longe.²

Uma sociedade com enorme capacidade instalada, mas ociosa

Do ponto de vista material, a sociedade tem hoje as seguintes características, ainda sub-exploradas:

- Os avanços na produção de energia obtidos desde a máquina a vapor, no começo do século XIX, iniciando a automação dos processos produtivos e de trabalho em geral, e reforçados exponencialmente com a informatização, nas últimas décadas, permitem que um número pequeno de pessoas, trabalhando relativamente poucas horas, produzam tudo o de que a sociedade necessita.
- Esta redução do trabalho socialmente necessário tende a acentuar-se nos próximos anos. Na maior parte das áreas de produção, os ganhos de produtividade parecem poder crescer ilimitadamente.³

O fim da escassez está ao alcance da mão – ou da mente

¹O assunto é por definição incompleto.

² Um exemplo entre muitos, da época das manifestações em 2013: o Mídia Ninja e seu parceiro-pai Fora do Eixo captaram as novas potencialidades da informação, no primeiro caso, e da cultura, no segundo. As críticas a eles dirigidas não afetam, mesmo que venham a ter cabimento, a descoberta de novas formas de expressão e de novos conteúdos para tecnologias que, antes, eram usadas essencialmente para reiterar o que a “velha mídia”, para usar um termo um pouco pejorativo, já usava. Ou seja: muda a linguagem, mas com ela ainda se fazem prosa e poesia como se a linguagem fosse antiga. E aí alguém vai descobrindo como escrever e falar com o que surgiu de novo.

³ Entre os textos que já foram elaborados pelo coordenador do grupo proposto sobre este assunto, estão:

- 1) “Apresentação” e cap. I de *Humanidades: um novo curso na USP*. São Paulo: EDUSP, 2001;
- 2) *A Universidade e a Vida Atual: Fellini não via filmes*, Rio de Janeiro: Campus, 2003;
- 3) em coautoria com Flávio Gikovate, *Nossa sorte, nosso norte: para onde vamos?*, São Paulo: Papirus, 2012;
- 4) “A cultura liberta”. *Cadernos CENPEC*, v. 7, p. 51-61, 2010; republ. In In: Ivo de Souza Júnior. (Org.). *Filosofia e cultura. Festschrift para Scarlett Marton*. 1ed.Sao Paulo: Barcarolla, 2011, v. , p. 463-484.
- 5) É possível superarmos a cultura das transgressões?. In: Fernando Henrique Cardoso; Roberto Abdenur. (Org.). *Cultura das transgressões no Brasil: cenários do amanhã*. 1ed.Sao Paulo: Saraiva, 2011, v. , p. 77-116.
- 6) Pode existir uma utopia pós-moderna?. In: Juremir Machado da Silva. (Org.). *Metamorfoses da cultura contemporânea*. 1ed.Porto Alegre: Sulina, 2006, v. , p. 146-158.

- O efeito primeiro e óbvio disso é que as carências que marcaram a história humana podem chegar ao fim. Torna-se possível, de um ponto de vista técnico ou material, acabar com a miséria e a pobreza. Ninguém mais precisa padecer fome ou sofrer com as doenças que no passado foram mais mortíferas. Embora doenças continuem existindo, sua drástica redução está na ordem do dia para breve.
- Esta perspectiva de curto prazo suscita a questão do fim da História, tal como foi posto por Hegel e de certa forma por Marx, sendo retomado numa chave conservadora por Fukuyama. Se Marx diz que “a história da humanidade é a história de luta de classes”, estará essa identificação ligada à escassez, que tornava a mera luta pela sobrevivência, ou por uma vida estritamente digna, mínima, uma situação de soma zero, em que a vida de um supõe a morte do outro? Numa sociedade de abundância, como fica isso? Os marxistas mais bem formados costumavam dizer que o fim da História não era o fim das mudanças em geral, mas o da era governada pela necessidade, no sentido de carência. No lugar da economia como motor da História, o que viria? qual motor, quais motores? Obviamente não se trata do fim da História como tal, mas do fim de uma História marcada pela escassez, e que pode também pôr fim à História marcada pelo conflito pelo desejo.
- Façamos uma distinção. Lendo os clássicos, como Hobbes, à primeira vista temos um mundo em que o desejo infinito é maior que o estoque finito de bens. Mas, com atenção, percebemos que o desejo não se volta apenas para objetos. Deseja-se muito objeto, não nele mesmo, mas justamente porque também é desejado por outro sujeito. A disputa pelo que outros têm ou desejam é essencial. Ela não depende da escassez. Não é uma luta por coisas. Ainda que o estoque destas fosse infinito, continuaríamos disputando certos objetos – não todos, evidentemente – *apenas* porque outros também os querem. A disputa é entre sujeitos, para que um desejo vença o outro. Terminar com a longuíssima fase histórica regida pela escassez não poria fim a essa outra disputa.
- Assim: o fim da escassez de alguma forma virá junto com o, mais difícil e diferente, fim do desejo predatório de ter, justamente, o que o outro almeja? A solução de um grande problema econômico, que matou e mata milhões ou bilhões, se dará em conjunto com a resolução de um grave problema de relações humanas, psicológico, antropológico, político?

Consumismo e conformismo

- Outro efeito é o aumento significativo do consumo, que por sua vez acaba sendo a condição para não serem reduzidas as jornadas de trabalho. Um mundo mais confortável significa maior acesso a bens que dão prazer, mesmo não sendo necessários. Uma adicção ao prazer de consumir termina sendo a condição para se manter uma jornada de trabalho definida há cerca de um século – o dia de oito horas – e que desde então não se reduziu. A situação conhecida como “*consumismo*”,

que é essa adicção, passa a ser necessária para manter determinado statu quo.

- Para enfrentar este conformismo consumista, ou este consumismo matriz do conformismo, é preciso – e possível – adotar certas posições que passam pelo consumo consciente e por uma vida mais equilibrada.

Felicidade, mais que prazeres

- Este é o tema constante de toda uma série de discursos, entre eles o das dietas e regimes contra a obesidade, que – é importante notar – passam pelo discurso clássico da filosofia, que a maior parte chamaria de *estóico*, mas não se reduz a essa escola, consistindo em ser econômico com os prazeres e fazer que um mínimo de consumo permita um máximo de felicidade. Uma vida frugal seria, assim, a vida mais feliz. Mas felicidade, aqui, tem pouco a ver com as euforias a que damos, impropriamente, esse nome, tais como os prazeres, a própria alegria, em suma, tudo o que é exuberante.
- Por esta via, vemos como temas da atualidade ou do futuro cruzam com temas filosóficos, alguns até bastante antigos. Este cruzamento será constante, no projeto. Basta citar a passagem de Rousseau, na obra derradeira e póstuma que são as *Rêveries du promeneur solitaire*: a felicidade por que meu coração anseia não é composta de instantes fugazes que, por veementes que sejam, não têm duração; ela é um estado simples e permanente no qual a alma basta a si mesma. Esta proposta de retirar o máximo de satisfação pessoal do mínimo de estímulos externos é em seu cerne o mesmo que vemos em quase todas, se não todas, as dietas e regimes de saúde em nosso tempo.

Jornada de trabalho

➤ Até 1989, quando se falava em tempo de trabalho, era com a ideia de reduzir as horas de trabalho por semana, que entre meados do século XIX e o pós-I Guerra caíram de 12 ou 14 horas diárias para oito, mas depois deixaram de diminuir⁴. Os ganhos de produtividade pela automação e pela informatização não reduziram mais o tempo de trabalho, sendo incorporados pelos patrões, consumidores e só em parte pelos trabalhadores.

➤ É por volta de 1989 que some da discussão pública a idéia de redução das *horas* de trabalho e entra a de aumento dos *anos* de trabalho ao longo da vida, com o argumento da estabilidade atuarial da previdência social. Dado que vivemos mais, já não tem sentido as pessoas se aposentarem em torno de 50 ou 60 anos, uma vez que elas ainda terão uma longa vida. Mas o argumento atuarial se choca com os ganhos enormes de produtividade havidos e por haver. A mudança de foco (da redução para o aumento do tempo trabalhado) ocorreu sem uma discussão aberta e clara sobre o assunto.

⁴ O único país em que se teve uma proposta de redução maior e conseqüente foi a França, após a vitória de Mitterrand em 1981, que pretendia chegar a 35 horas semanais mas parou bem antes disso.

➤ O agrônomo francês René Dumont⁵, talvez o primeiro candidato à presidência de um país por um partido verde, em 1974 concorreu contra Giscard d'Estaing e Mitterrand. Dizia ele que, se os franceses aceitassem um nível de vida equivalente ao de 1940 – um recuo de 34 anos ou menos, porque nesses 34 anos, houve cinco da Segunda Guerra Mundial, mais os necessários para a reconstrução do País – digamos então, um recuo talvez de vinte anos – poderiam trabalhar 3 dias por semana, 6 horas por dia, dos 25 aos 40 anos. Pondo isso em números, eles quitariam sua dívida com a sociedade com um quinto do que se trabalhava. Em vez de 40 anos de trabalho, a oito horas diárias e cinco dias semanais (isto é, 76.300 horas, já deduzido um mês de férias por ano), teríamos menos do que 13 mil horas, respeitadas as férias.

➤ O empresário Ricardo Semler comentou com o coordenador deste grupo que é preocupante, nas empresas, que as pessoas se aposentem de uma vez só, perdendo-se a possibilidade de passar sua sabedoria aos mais novos. Pensava promover uma passagem gradual à aposentadoria, baixando o tempo de trabalho por semana de cinco a um dia, ao longo de alguns anos, para efetuar esta transição.

➤ Também segundo Semler, se o trabalhador tivesse uma jornada de quatro dias por semana, ou seja, 80% do tempo hoje praticado, mesmo assim produziria 91% do resultado atual. Assim, no sistema vigente, o quinto dia de trabalho ou os últimos 20% de trabalho a cada dia são de produtividade modesta (apenas 9%, em vez de 20% da produção – ou seja, 45% da produtividade que o trabalhador atinge ao começar a semana ou o dia). Uma redução em um dia por semana ou em 1h36mn diários teria baixo efeito na produção.

➤ Não haveria, portanto, óbice técnico a uma redução maior das horas de trabalho. O problema não está em lucros capitalistas que seriam abatidos, até porque menos horas de trabalho podem gerar mais empregos e, portanto, mais consumidores e menos despesas em programas sociais.

Ócio, lazer, criação – ou medo do tempo livre

➤ Quantificamos a proposta de Dumont em 13.000 horas ao longo de uma vida. Até podemos dobrar esse valor, considerando a expansão da expectativa de vida. Isso, esquecendo que nos 40 anos desde a proposta de Dumont, os ganhos de produtividade foram muito elevados. É possível radicalizar sua proposta convertendo-a num estoque de horas de trabalho que a pessoa cumpriria na vida. Isto, ainda, é moderno⁶.

➤ Mas esse estoque não precisa ser cumprido linearmente, como sugeria Dumont, dos 25 aos 40 anos. Pode ser quitado como e quando o sujeito quiser. Se trabalhar intensamente dois meses por

⁵ Era socialista, tinha estado em Cuba, onde apoiou a revolução, mas foi um dos primeiros a publicar uma crítica severa ao regime de Castro, em seu livro *Cuba é Socialista?*, de 1970.

⁶ O que pode ser mais *moderno* do que conceber um estoque de horas de trabalho, devidamente quantificado, para que uma pessoa possa fazer jus a certas prestações sociais, à aposentadoria ou a pensões?

ano, ou trabalhar três anos e depois parar alguns outros, por que não? Pode inclusive trabalhar parte num país, parte em outro, se houver esquemas de informática bem azeitados e acordos a respeito. Notem que os meios são modernos, mas a conclusão passa a *não* ser moderna. Pois o que esta ideia implica? Implica que a identidade deixa de se basear na profissão.

Identidade como controle vs. a liberdade de criar(-se)

➤ Um dos pontos fundamentais de nossa identidade está ligado hoje à profissão ou estudo. “O que você é?” (ou “O que você faz?”) suscita a resposta sobre o que se estuda ou que profissão se tem.

➤ Dumont sugeria três dias semanais de trabalho. O ócio teria quatro dias, a profissão três. Esta é uma reversão significativa: alguém não se definirá mais por suas 18 horas semanais de trabalho mas pelas restantes 150. A identidade mudaria de eixo.

➤ Além disso, alguém pode mudar de profissão, casar-se e separar sem que nada disso represente um fracasso. Cada mudança seria, simplesmente, uma mudança. Podem mudar de nacionalidade.

➤ O importante é que essas mudanças não se orientam mais como o atraso rumo ao progresso, o erro rumo à verdade, o problema rumo à solução. O último casamento na vida não é necessariamente “o” melhor, aquele que se buscava nos anteriores. Uma pessoa pode ser 20 anos francesa, 15 anos italiana ou 30 anos sueca. Essa sucessão de identidades igualmente legítimas já deve estar acontecendo, apenas ainda não a notamos.

➤ Talvez a razão crucial para não se reduzir o tempo de trabalho, mas se aumentar o portfolio de produtos a consumir, nem seja uma questão de lucro, mas de controle pelas identidades. Por um lado, é visível o incômodo que se tem com os dias de lazer, como o domingo, no qual os programas de televisão decaem o quanto podem em qualidade. O lazer que temos é o menos criativo que existe. Como entender isso, quando um discurso tentador defende a ideia do ócio ou lazer criativo? O que faltaria para esse mantra tornar-se realidade?

➤ O emprego e a profissão constituem parte substancial das identidades atuais. Se forem alterados, ela muda, certamente se tornando mais fluida. Já se o controle social for garantido mediante identidades bem marcadas e das quais é difícil escapar, a questão deixa de ser o lucro e se torna a segurança, em sua acepção mais reativa. Não é a ambição de ganhar mais. É o receio de se perder o controle. Talvez isso caracterize o cerne do sistema em que vivemos. É possível que, apesar do hedonismo ⁷ aparente de nosso tempo, haja no sistema uma pulsão de temor muito forte em relação à instabilidade das identidades.

A utopia possível

⁷ “Hedonismo”, neste projeto, não tem conotação negativa alguma.

➤ Curiosamente, chegamos a um ponto em que a redução do tempo de trabalho, o aumento dos tempos livres, o avanço da educação e da cultura permitiriam uma fluidez grande das identidades – e, portanto, uma aposta geral no que for criatividade.

➤ Digamos sem rodeios que o lazer é mais bem ocupado com dois tipos de tarefas, a saber, cultura e atividade física. Deveriam ser estas as profissões do futuro. Serão, numa sociedade que pretenda ser justa e feliz – as duas características centrais da utopia – as profissões que melhor atendam à população. Este é mais um ponto a pensar, até porque as profissões do futuro geralmente celebradas tendem mais ao banal.

➤ Ou, por outra: cultura e atividade física podem ser os eixos da construção de uma humanidade feliz. Temos as duas por um lado, e por outro o consumismo, a opressão dos horários de trabalho e, por que não acrescentar, o tempo perdido na condução.

➤ Aqui se coloca a questão da utopia. Este é um assunto que merece pelo menos uma nota. As utopias, desde Morus, sustentam que a sociedade atual é injusta e infeliz, que há uma única causa para essa injustiça e infelicidade e que, removida esta causa, teremos resolvido os problemas sociais. Estas teses merecem ser mais bem discutidas. Há que contrastar este enfoque com o da redução de danos, que considera que jamais a sociedade será plenamente justa e feliz, que as causas dos males sociais são muitas e que não dá para resolvê-las todas. Um ajuste de contas destas duas perspectivas, a da revolução otimista e a da evolução cética, deve completar o leque de temas no horizonte do Grupo.

3. Uma relação, abreviada, dos pontos principais a serem focados.

Os principais pontos que estarão sob nosso enfoque, e cuja articulação se expôs no texto imediatamente anterior, são:

- i) A revolução das invenções, das máquinas e da informática;
- ii) O fim da miséria e da escassez;
- iii) O fim da História – Hegel, Marx e um pouco de Fukuyama;
- iv) A violência mesmo sem a escassez – o desejo por objetos é na verdade um desejo contra outros sujeitos: violência e mundo humano;
- v) Consumismo e conformismo;
- vi) Felicidade x prazeres (Rousseau e a filosofia em geral), ilustrados talvez pelas dietas de emagrecimento e de saúde;
- vii) As utopias e seus princípios;
- viii) Utopia vs. redução de danos.

4. Modo de funcionamento

O Grupo terá um coordenador, com um suplente ad hoc, e um número inicialmente restrito de membros, devendo se expandir com o tempo, de maneira firme porém prudente. Realizará uma reunião formal cada 45 dias, em média, reduzindo-se seu ritmo durante as férias letivas, pretendendo-se garantir um mínimo de seis reuniões ao ano. (Outras reuniões também serão realizadas, sem limite de número). As reuniões formais serão abertas aos interessados e consistirão em debates, geralmente com pesquisadores convidados, externos ao Grupo, sobre tópicos ligados à exposição acima. Pretende-se assegurar pelo menos quatro convidados ao ano, inicialmente, número que deverá aumentar com o tempo. Espera-se contar com recursos do IEA para o convite aos palestrantes externos à cidade de São Paulo. Uma das formas de crescimento do grupo poderá ser pelo ingresso de palestrantes que sintam interesse em sua dinâmica.

O Grupo publicará. Serão, sem exclusão de outras possibilidades, essencialmente artigos, possivelmente livros e blogs.

5. Previsão de atividades, com indicação dos seus custos possíveis

As atividades do grupo serão:

- I) Reuniões informais (de discussão interna) e formais (abertas);
- II) Convite a palestrantes externos ao Grupo, para exposições em princípio abertas ao público, mas com debate priorizado pelos membros do Grupo;
- III) Participação em congressos, organização de conferências e outros eventos nos campi da USP, inclusive nos polos do IEA;
- IV) Ida a congressos internacionais;
- V) Publicações;
- VI) Eventualmente, recomendação de políticas públicas.

6. Currículo resumido dos membros.

Renato Janine Ribeiro

Renato Janine Ribeiro concluiu o doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo em 1984. Desde 1994 é professor titular da Universidade de São Paulo, na disciplina de Ética e Filosofia Política, título que manteve após sua aposentadoria, em agosto de 2011. Foi representante dos Professores Titulares da USP no Conselho Universitário. Tem 78 capítulos de livros e 18 livros editados. Participou de 18 eventos no Brasil. Publicou 81 artigos em periódicos especializados, 11 trabalhos em anais de eventos e 14 prefácios e/ou posfácios. Orientou 12 dissertações de mestrado e 16 teses de doutorado, além de 1 trabalho de iniciação científica em Filosofia. Recebeu o prêmio Jabuti de melhor ensaio (2001), a Ordem Nacional do Mérito Científico (1997) e a Ordem de Rio Branco (2009). Presidiu o I Congresso de Estudiosos de Brasil em Europa, em Salamanca (2008). Concebeu e apresentou duas séries de programas de televisão sobre "Ética", na TV Futura e depois apresentados na TV Globo, sendo a primeira de seis programas sobre Dilemas e a segunda, também de 6 programas, sobre Liberdade. Foi consultor do Novo Telecurso, para a disciplina de Filosofia. Atua na área de Filosofia Política, com ênfase em teoria política. Foi membro do Conselho Deliberativo do CNPq (1993-7), do Conselho da SBPC (1997-9), secretário da SBPC (1999-2001). Como Diretor de Avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes (2004-8), dirigiu em 2004 e 2007 as avaliações trienais de mais de 2.500 cursos de mestrado e doutorado do Brasil. É membro do Conselho Deliberativo do Instituto de Estudos Avançados da USP, e pertenceu a sua Comissão de Atividades Acadêmicas e a seu Conselho de Ética. No âmbito das artes e cultura, é membro do Conselho Consultivo de Inhotim. Em suas atividades profissionais interagiu com 5 colaboradores, coautores de trabalhos científicos seus. Em seu CV Lattes, os termos mais frequentes na contextualização da produção científica são: Thomas Hobbes, democracia, filosofia política, Brasil, filosofia, política, república, teoria política, Inglaterra e universidade. Seu índice H é 24. Seu índice Klout em 25 de setembro de 2013 era 66.

Alexey Dodsworth Magnavita de Carvalho

Mestre em Ética e Filosofia Política pela Universidade de São Paulo, com a dissertação *Do Céu aos Genes - Transições epistêmicas, anomalias cosmológicas e suas inquietações éticas - Uma interlocução foucaultiana*, defendida em 19/9/2013. Bacharel em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu (SP), atualmente cursa a graduação em Astronomia pelo Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (USP).

Em Filosofia, tem como principais focos de pesquisa e interesse os seguintes temas: filosofia contemporânea; filosofia política e ética; epistemologia; filosofia da ciência.

Em Astronomia, tem como principais focos de pesquisa e interesse os seguintes temas: estratégias de divulgação científica; astrobiologia; sistemas prebióticos; exoplanetas. É membro da Rede Brasileira de Astrobiologia.

No presente momento atua como consultor da UNESCO no Brasil – Assistente técnico do projeto "ética para a vida e o mundo do trabalho das escolas do SESI".

Autor de dois livros de divulgação filosófica.

Helena Singer

Possui graduação em Ciências Sociais (1990), mestrado (1995) e doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (2000), com especialização em Sociologia dos Conflitos pela Universidade da Pensilvânia e pós-doutorado pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Ensino e Diversidade da Universidade Estadual de Campinas (LEPED-Unicamp) (2008). É Diretora Pedagógica da Associação Cidade Escola Aprendiz, membro fundadora do Instituto de Educação Democrática Politeia e do Núcleo de Psicopatologia, Políticas Públicas de Saúde Mental e Ações Comunicativas em Saúde Pública da Universidade de São Paulo (NUPSI-USP). É autora de *República de Crianças: Sobre Experiências Escolares de Resistência* (Mercado de Letras, 2010),

"Discursos Desconcertados" (Humanistas/FAPESP, 2003), entre outros livros e artigos sobre educação e direitos humanos publicados no Brasil e no exterior.

Márcia Hoffmann do Amaral e Silva Turri

Tem graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (2000) e graduação em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (1987). Atualmente é juíza federal - Justiça Federal de Primeiro Grau em São Paulo. Publicou 16 artigos em periódicos especializados da área jurídica e 1 artigo em periódico especializado nas áreas de direito e filosofia. Completou o mestrado em Filosofia na USP com a dissertação "Tolerar ou não tolerar?", em 2010, e atualmente cursa o doutorado na mesma instituição, com o tema "Solidariedade: para além da tolerância".

Ari Tank Brito

Possui graduação em filosofia pela Universidade de São Paulo (1983), mestrado em Filosofia pela Universidade de Varsóvia (1990), mestrado em filosofia pela Universidade de São Paulo (2001) (1990) e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2007). Professor Adjunto 1 no Departamento de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: direito natural, common law, liberalismo, contrato social e utilitarismo.